

"...minha gratidão a todos que de uma forma ou de outra foram presentes na minha vida pessoal e profissional..."

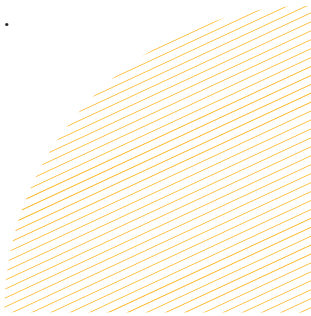


DO TRABALHO AO VOLUNTARIADO

VICENTE SEBASTIÃO DE OLIVEIRA

Era 1^o de agosto de 1970 quando eu, um sertanejo pernambucano, fui admitido no Centro Gráfico do Senado Federal (Cegraf), na função de mensageiro, e, em 2 de novembro de 1973, no Senado Federal como auxiliar de pesquisa, lotado na Subsecretaria de Administração Financeira – Seção de Contabilidade.

Fui aprovado no concurso interno de contador do quadro CLT, no ano de 1974, passando a contador e a exercer a função compatível com o cargo em 14 de agosto de 1974. Na história do Senado, fui, legalmente, o primeiro contador do quadro CLT. Mais adiante e já no quadro permanente (RJU), me aposentei em 18 de janeiro de 1995 como analista legislativo/Contabilidade – diretor de Secretaria.



Realizações na trajetória

À época, o Senado não havia, ainda, incorporado o seu balanço ao Balanço Geral da União (BGU). Após sucessivas cobranças do órgão central dos sistemas de administração financeira, contabilidade e auditoria do Ministério da Fazenda, decidiu o Senado, na década de 1970, dar cumprimento a essa exigência de ordem legal, tarefa, com sucesso, executada por mim juntamente com a equipe da Contabilidade – Subsecretaria Financeira do Senado Federal – com a criação da Secretaria do Tesouro Nacional (STN), à qual, entre outras atribuições, cabia a administração financeira e da contabilidade federal, o desenvolvimento e implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira (Siafi), desenvolvido pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro) (1987-1988). Representei o Senado nas sucessivas reuniões com o secretário do Tesouro Nacional e equipe, no sentido de apresentar e discutir a implementação pelas unidades gestoras do sistema contábil e controle da execução orçamentária, financeira e patrimonial do Governo Federal – estabelecendo padronização de critérios e rotinas. Na oportunidade, foram apresentados demonstrativos e relatórios contábeis desenvolvidos pelo Prodasen e em plena execução pelo sistema financeiro e contábil do Senado, alguns acatados. Após essa caminhada, os presidentes das duas Casas, gestão 1985-1987, comunicaram oficialmente ao Ministério da Fazenda que não iriam entrar no Siafi. A adesão se deu na gestão da Mesa Diretora 1991-1993.

Como diretor da Subsecretaria de Administração Financeira, destaco: a transferência, com o apoio da administração, da confecção da folha de pagamento para a Subsecretaria de Administração de Pessoal (fundamentado no princípio de segregação de função, pois quem faz não paga); bem como, por considerar injusto para os celetistas, a transferência do pagamento do pessoal do quadro CLT

para o Banco do Brasil, pois o Banco de Crédito Real de Minas Gerais levava em torno de 48 horas, após o crédito no Banco do Brasil da folha dos funcionários do quadro permanente, para liberar o pagamento dos celetistas.

A Mesa Diretora 1991-1993 criou grupo de trabalho com a finalidade de reestruturar o quadro do Senado Federal. Nesse momento, estava no cargo de auditor e vinculado ao diretor-geral (ordenador de despesas). Entendia que a Auditoria deveria ser transformada em Secretaria de Controle Interno, subordinada à Mesa Diretora, pleito acolhido pelo Grupo de Trabalho e posteriormente aprovado.

Outras participações que destaco

Participei da implantação do SIS, membro da Comissão de Licitação, viajei aos Estados Unidos (Albany e Washington) compondo grupo de parlamentares designados para conhecer o orçamento do estado de Nova Iorque e o orçamento federal, fiz parte da Auditoria no IPC – Instituto de Previdência dos Congressistas, extinto (trabalho realizado em conjunto com a Auditoria da Câmara dos Deputados em 1989). Minha grande emoção profissional: onde um dia exerci a função de mensageiro, no Centro Gráfico do Senado, em 1986 voltei para reuniões como membro do Conselho de Administração.

SENADO x SENADO

Diretores-gerais do Senado com quem trabalhei: Evandro Mendes Viana, Aiman Nogueira da Gama, Lourival Zagonel dos Santos, José Passos Porto (ex-senador) e Manoel Vilela de Magalhães, cada um com estilo próprio de gestão. Dr. Evandro Mendes Viana, a formalidade de um nobre. Todavia, com o tempo se construíram pontes para informalidade.

Concluindo

Por fim, 25 anos de Senado; passaria outro tanto, mas a conjuntura do meu país, à época, 18 de janeiro de 1995, entre continuar e ir para o ócio com dignidade, a minha opção foi aposentadoria. Agora, confesso, sempre, absolutamente sempre, saía de minha casa para o trabalho (Senado) FELIZ. E, em gratidão a tudo que o Senado fez e continua fazendo por mim, me dispus a ser voluntário da Assisefe – Associação dos Servidores Inativos e Pensionistas do Senado Federal. Assim, poderia sempre encontrar os colegas e estender-lhes as mãos.

Minha vontade, agora, seria relacionar todos com quem convivi; para não correr o risco de omissão, elejo Danilo Calado Bastos, que me recebeu em Brasília, no dia 29 de maio de 1970, para externar a minha gratidão a todos que, de uma forma ou de outra, foram presentes na minha vida pessoal e profissional. Não poderia deixar de externar também minha gratidão à compreensão da minha família pelas vezes, e foram tantas, em que me aconselhava a ser “prudente como a serpente e simples como a pomba” (Mateus 10:16), na condução das missões a mim confiadas.



